

ANÁLISE DA COMERCIALIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DE AÇAÍ NO MÉDIO SOLIMÕES: ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE COARI-AMAZONAS

Thayz Nascimento de Souza¹, Klenicy Kazumy de Lima Yamaguchi²

RESUMO:

A demanda pelo fruto do açaí tem crescido significativamente, contribuindo para a renda familiar de ribeirinhos e comunidades rurais na Amazônia e sendo uma fonte de desenvolvimento econômico e social na região. O objetivo deste estudo foi analisar a comercialização do açaí na zona urbana da cidade de Coari, Amazonas. A metodologia adotada possui abordagem quali-quantitativa, com caráter descritivo e exploratório e delineamento longitudinal, e consistiu no levantamento de informações sobre a procedência, valores, dificuldades dos comerciantes e locais de venda do açaí. Para isso, foi aplicado um questionário estruturado a 40 comerciantes ao longo de um período de 10 meses, sendo os dados tratados por estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, médias, valores mínimos e máximos e variações percentuais). Observou-se que a produção e a comercialização do açaí são diretamente influenciadas pela sazonalidade e pela variação de preços ao longo do ano. O preço médio mensal do litro variou de R\$ 12,83 (novembro de 2023) a R\$ 7,20 (abril de 2024), redução de 43,9%, enquanto a média mensal da saca oscilou entre R\$ 350,00 (novembro e dezembro) e R\$ 130,00 (março). O número de pontos de venda ativos na zona urbana variou de 8 (dezembro) a 48 (maio), e 70,0% dos respondentes eram do sexo masculino. A pesquisa revelou a predominância da venda do açaí oriundo da zona rural (52,5% dos estabelecimentos) e o papel essencial das famílias no desenvolvimento desse setor, que é marcado pela forte tradição da agricultura familiar. O diagnóstico sobre a comercialização da cadeia produtiva do açaí contribuiu para o entendimento do setor primário, do comércio e para a melhoria da produção de açaí no Médio Solimões.

Palavras-chave: *Euterpe precatoria*; Extrativismo vegetal; Sazonalidade; Sociobioeconomia.

ANALYSIS OF THE COMMERCIALIZATION OF THE AÇAÍ PRODUCTION CHAIN IN MÉDIO SOLIMÕES: A CASE STUDY IN THE CITY OF COARI, AMAZONAS

ABSTRACT:

The demand for açaí fruit has been growing significantly, contributing to the household income of riverside and rural communities in the Amazon and serving as a source of economic and social development in the region. The objective of this study was to analyze the commercialization of açaí in the urban area of the city of Coari, Amazonas. The adopted methodology followed a qualitative and quantitative approach, was descriptive and exploratory in nature, and had a longitudinal design. It consisted of gathering information on the origin, prices, difficulties faced by traders, and points of sale of açaí. To this end, a structured questionnaire was applied to 40 traders over a period of 10 months and the data were analyzed using descriptive statistics (absolute and relative frequencies, means, minimum and maximum values and percentage variations). It was observed that açaí production and commercialization are directly influenced by seasonality and price variations throughout the year. The monthly mean price per litre ranged from R\$ 12.83 (November 2023) to R\$ 7.20 (April 2024), a reduction of 43.9%, while the monthly mean price per sack ranged from R\$ 350.00 (November and December) to R\$ 130.00 (March). The number of active points of sale in the urban area varied from 8 (December) to 48 (May), and 70.0% of the respondents were male. The research revealed the predominance

¹Licenciada em Ciências: Biologia e Química. Instituto de Saúde e Biotecnologia da Universidade Federal do Amazonas, Coari-AM; thayz.souza@ufam.edu.br, <https://orcid.org/0009-0008-6385-7972>. ² Professora Adjunta na Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Química pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Coari - Amazonas. klenicy@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-7998-410X>

of açaí sales from rural areas (52.5% of the establishments) and the essential role of families in the development of this sector, which is strongly rooted in the tradition of family farming. The assessment of açaí commercialization contributed to a better understanding of the primary sector and trade, as well as to improving açaí production in Médio Solimões.

Keywords: *Euterpe precatoria*; Plant extractivism; Seasonality; Socio-bioeconomy.

INTRODUÇÃO

A produção de açaí vem aumentando consideravelmente, tornando-o um dos mais importantes produtos do extrativismo nacional e um dos principais responsáveis pela visibilidade obtida pelos produtos oriundos da biota amazônica (Yamaguchi et al., 2015). Seja por meio da bebida energética ou do suco não alcoólico, denominado na região do Amazonas como “vinho de açaí”, os produtos alimentícios derivados do açaí estão rompendo as barreiras nacionais e alcançando proporções que fazem com que esse fruto seja considerado uma celebração brasileira (Veiga-Júnior; Yamaguchi, 2021).

Os produtos originados a partir da polpa contemplam a elaboração de sucos, bebidas energéticas e esportivas, lanches, sobremesas, sorvetes, produtos lácteos e doces em geral (CONAB, 2020). O açaí é encontrado de Norte a Sul e está praticamente presente em quase todo o ecossistema amazônico, abastecendo tanto o mercado local quanto o internacional. No mercado mundial, destacam-se os Estados Unidos, o Canadá e países da Europa como os mais representativos (CONAB, 2020; Bezerra, 2025).

O açaizeiro é um produto florestal não madeireiro (PFNM) que, além do fruto, tem no palmito uma crescente demanda da indústria de alimentos. Os PFNM são produtos naturais obtidos a partir de florestas nativas, sistemas agroflorestais e plantações, sem danificar a biota de onde esse material é extraído (Paes-de-Souza et al., 2011). Nesse sentido, faz-se necessário que exista um desenvolvimento sustentável dos produtos amazônicos levando em consideração a sustentabilidade e a sociobioeconomia de todos os envolvidos nesse processo (Silva et al., 2022; Pulgarin et al., 2024).

Os açaís nativos da Amazônia Brasileira pertencem à família Arecaceae e ao gênero *Euterpe*, contendo três espécies de interesse agroindustrial, a saber: *E. edulis*, *E. oleracea* e *E. precatoria*, das quais somente as duas últimas possuem destaque comercial (Cavalcante, 1996). A espécie *Euterpe precatoria* Mart. é conhecida popularmente como açaí do Amazonas, sendo encontrada na bacia do Rio Solimões, em terreno firme ou em áreas de várzea.

A cadeia produtiva do açaí é responsável pela fonte de renda de muitas famílias na região Norte, servindo como produto para as mais diversas

finalidades. Verifica-se que, a cada ano, esse comércio vem ganhando mais importância econômica e social na região, devido à agricultura familiar passada de geração em geração entre as famílias. A sua polpa é amplamente utilizada no mercado formal e informal, tanto na agroindústria quanto no comércio local, abastecendo também o mercado internacional (Costa e Yamaguchi, 2020).

Acerca desse aspecto, Oliveira et al. (2025) afirmam que a demanda crescente pelo açaí deve ser acompanhada por práticas de produção sustentáveis. Por isso, faz-se necessário que exista a não exploração excessiva dos recursos naturais e a implementação de técnicas de manejo que preservem a biodiversidade, possibilitando aproveitar as oportunidades econômicas do aumento da demanda, ao mesmo tempo em que se promova a conservação dos ecossistemas e se obtenha benefícios sociais para as comunidades envolvidas na produção (Lopes et al., 2023).

Nesse contexto, mesmo com a importância do açaí, ainda são escassos os estudos sobre a cadeia produtiva e o comércio, sobretudo no Médio Solimões. O objetivo deste trabalho foi analisar a comercialização do açaí na zona urbana de Coari, Amazonas, caracterizando os pontos de venda e os comerciantes, a procedência dos frutos, as formas de comercialização e a variação sazonal dos preços praticados no varejo (litro) e no atacado (saca) ao longo de dez meses de acompanhamento.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de caso de caráter exploratório, descritivo e investigativo, com abordagem quali-quantitativa (mista) e delineamento longitudinal, uma vez que os mesmos estabelecimentos foram acompanhados mensalmente ao longo de dez meses (Marconi; Lakatos, 2017). A dimensão qualitativa decorre dos relatos orais e das observações de campo relativas à organização do comércio e às dificuldades enfrentadas pelos comerciantes. A dimensão quantitativa decorre do registro sistemático de preços, frequências e proporções. Houve a aplicação de uma ficha estruturada para coleta de dados aos comerciantes de açaí, na qual foram averiguados os seguintes itens: (i) preço, (ii) procedência dos frutos, (iii) ponto de abastecimento e (iv) observações pertinentes à descrição do comércio e às dificuldades. A unidade de análise adotada foi o estabelecimento comercial de

açai (ponto de venda), sendo a ficha respondida por um único informante por estabelecimento – o proprietário ou o vendedor responsável pelo atendimento no momento da visita. Dessa forma, os termos comerciante, vendedor e proprietário referem-se, ao longo do texto, ao respondente de cada um dos 40 estabelecimentos amostrados.

Durante a trajetória metodológica, foram observados os aspectos éticos e legais da pesquisa, de acordo com as resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A participação voluntária ocorreu mediante consentimento e autorização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este projeto é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e possui autorização do Comitê de Ética, com CAAE: 6706323.1.0000.5020.

O estudo foi realizado em Coari, cidade do interior do Amazonas. O município está localizado na margem esquerda do Rio Solimões, nas coordenadas 4° 5' 6" Sul e 63° 8' 30" Oeste, com uma área de 57.921,646 km² e população estimada de 70.616 habitantes (IBGE, 2022b). É o oitavo maior município do estado em área territorial. Situado no centro da maior floresta tropical do mundo, o município está localizado na área central do estado do Amazonas.

A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de outubro de 2023 e julho de 2024, adotando-se um delineamento em duas frentes complementares. A primeira consistiu em um mapeamento censitário mensal, por meio da contagem visual e identificação do número total de estabelecimentos ativos que comercializavam açaí na zona urbana, registrando a flutuação e a dinâmica sazonal do mercado local; ao longo do período, esse mapeamento identificou de 8 (dezembro de 2023) a 48 (maio de 2024) pontos de venda ativos por mês. A segunda frente consistiu no monitoramento sistemático de uma amostra de 40 estabelecimentos, definida por amostragem não probabilística, de natureza censitária em relação aos pontos que atenderam aos critérios de inclusão: (a) comercializar açaí na zona urbana de Coari; (b) possuir ponto de venda fixo, identificado no

mapeamento territorial; e (c) aceitar participar da pesquisa mediante assinatura do TCLE. Foram excluídos os pontos itinerantes ou sem endereço fixo, que surgiram exclusivamente no pico da safra, bem como os estabelecimentos cujos responsáveis não consentiram em participar. Não houve perdas por desistência ao longo do acompanhamento, de modo que não foi necessária a substituição de estabelecimentos na amostra. Em razão do período de entressafra e da escassez do fruto, parte dos estabelecimentos interrompeu temporariamente as atividades. Nesses meses, os preços correspondentes foram registrados como dados ausentes, não sendo computados nas médias do mês nem substituídos por imputação. Contudo, independentemente do surgimento de novos pontos na alta safra ou do fechamento temporário de outros, a aplicação das fichas de entrevista manteve-se restrita e padronizada aos 40 estabelecimentos fixos inicialmente amostrados. Foi utilizada uma ficha para coleta de dados, conforme a Figura 1.

Os dados coletados foram organizados e tabulados no Microsoft Excel, no qual também foram realizados os procedimentos de estatística descritiva: cálculo de frequências absolutas e relativas, médias aritméticas simples, valores mínimos e máximos e variações percentuais. O preço médio mensal (Figura 5) corresponde à média aritmética simples dos preços registrados, em cada mês, no conjunto dos estabelecimentos que se encontravam em atividade naquele mês, sendo os estabelecimentos temporariamente fechados tratados como dados ausentes e excluídos do cálculo da média do mês correspondente. As variações percentuais foram calculadas tomando-se como base o primeiro valor registrado para cada vendedor, explicitando-se, em cada caso, a base de comparação utilizada. Os softwares Microsoft Word e Canva foram empregados exclusivamente na edição do texto e na diagramação das figuras, não tendo sido utilizados no tratamento dos dados.

FICHA – CADEIA PRODUTIVA DE AÇAÍ	
Data: ____/____/____	
Vendedor (sexo):	M (☐) F (☐)
Procedência do açaí:	(☐) Zona rural (☐) Zona urbana
Forma de venda:	(☐) Litro (☐) Saca
Preço da saca:	R\$
Preço do litro:	R\$
Local de venda (endereço):	
Tipo / espécie:	(☐) Açaí do Pará (☐) Açaí do Amazonas

Figura 1. Questionário para os comerciantes de açaí.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Panorama da produção de açaí no Amazonas e no Médio Solimões

De acordo com dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes ao ano de 2024, a produção total de açaí no estado do Amazonas revelou valores que mostram como o comércio contribui substancialmente para a economia local. O total gerado pela produção de açaí alcançou a marca de R\$ 201.938 mil reais, demonstrando não apenas a relevância da indústria do açaí, mas também seu impacto significativo no cenário econômico regional.

Ao analisar as estatísticas por município, destaca-se a cidade de Codajás como o principal polo produtor de açaí na região, registrando um valor de produção de aproximadamente R\$ 62.400 mil reais em 2024, entretanto esse produtor enfrentou eventos climáticos severos, como a seca histórica de 2023, o que resultou em uma retração de 55,4% se comparado ao seu valor de produção de 2022, que foi de aproximadamente 140.000 mil reais. Esse desempenho, embora afetado pela crise climática, ainda coloca Codajás como um protagonista no panorama da produção de açaí no Amazonas, consolidando sua posição como líder nesse setor (Tabela 1).

Tabela 1: Comparativo do valor da produção de açaí entre os 15 maiores municípios produtores do Amazonas (2022 e 2024).

Posição	2022		2024	
	Município	Valor (mil reais)	Município	Valor (mil reais)
1	Codajás	140.000	Codajás	62.400
2	Humaitá	8.385	Humaitá	36.800
3	Tapauá	3.654	Coari	14.220
4	Presidente Figueiredo	3.626	Anori	12.240
5	Carauari	3.060	Borba	8.750
6	Caapiranga	2.000	Carauari	7.747
7	Rio Preto da Eva	1.814	Caapiranga	7.258
8	Anori	1.700	Canutama	5.610
9	Barcelos	1.440	Tefé	4.420
10	São Gabriel da Cachoeira	1.230	Tapauá	4.250
11	Coari	1.200	Presidente Figueiredo	3.960
12	Novo Aripuanã	1.120	São Gabriel da Cachoeira	3.600
13	Manicoré	1.092	Rio Preto da Eva	3.420
14	Alvarães	1.047	Manacapuru	2.880
15	Tefé	885	Itacoatiara	2.471

Fonte: Adaptado de IBGE, 2022a; 2024.

A Figura 2 revela que essa quantia total foi resultado da produção de aproximadamente 91.345 toneladas de açaí, cultivadas em uma área extensa de 8.154 hectares. Essa produtividade traduziu-se em uma média de 11.202 kg por hectare, evidenciando a rentabilidade desse setor agrícola ao longo de sua série histórica do valor de produção (IBGE, 2024).

A análise revela a evolução do setor nos últimos anos. Em 2017, foram contabilizados 8.495 estabelecimentos dedicados à produção de açaí, indicando uma presença disseminada ao longo do tempo. No período compreendido entre 2018 e 2024 se observa um aumento notável na produção, conforme evidenciado pela Figura 3. Durante esse intervalo, houve um crescimento de 97.080 mil reais em 2018 para os R\$ 201.938 mil reais registrados em 2024. Essa diferença de 104.858 mil reais representa um aumento de 108,01% no valor produzido ao longo desses seis anos. Esse aumento reflete a expansão econômica da atividade e o fortalecimento do valor de produção do açaí no período analisado. Observa-

se, contudo, que o maior valor da série foi registrado em 2023 (R\$ 220.908 mil), seguido de retração de 8,6% em 2024, comportamento compatível com os efeitos da estiagem extrema de 2023 sobre a produção de municípios como Codajás, discutidos anteriormente. Em contrapartida, ainda conforme dados do IBGE (2024), a análise da cadeia produtiva no Médio Solimões aponta para uma reconfiguração com a ascensão do município de Coari. Em 2022, Coari ocupava a 11ª posição no ranking estadual, com um valor de produção de R\$ 1.200 mil, porém em 2024, o município registrou um incremento em seu valor produtivo, atingindo R\$ 14.220 mil, o que representa uma variação positiva de 1.085%. Esse desempenho posicionou o município na 3ª colocação entre os maiores produtores do estado, situando-se atrás de Codajás e Humaitá, e evidenciando a mudança na centralidade dessa cadeia econômica regional.

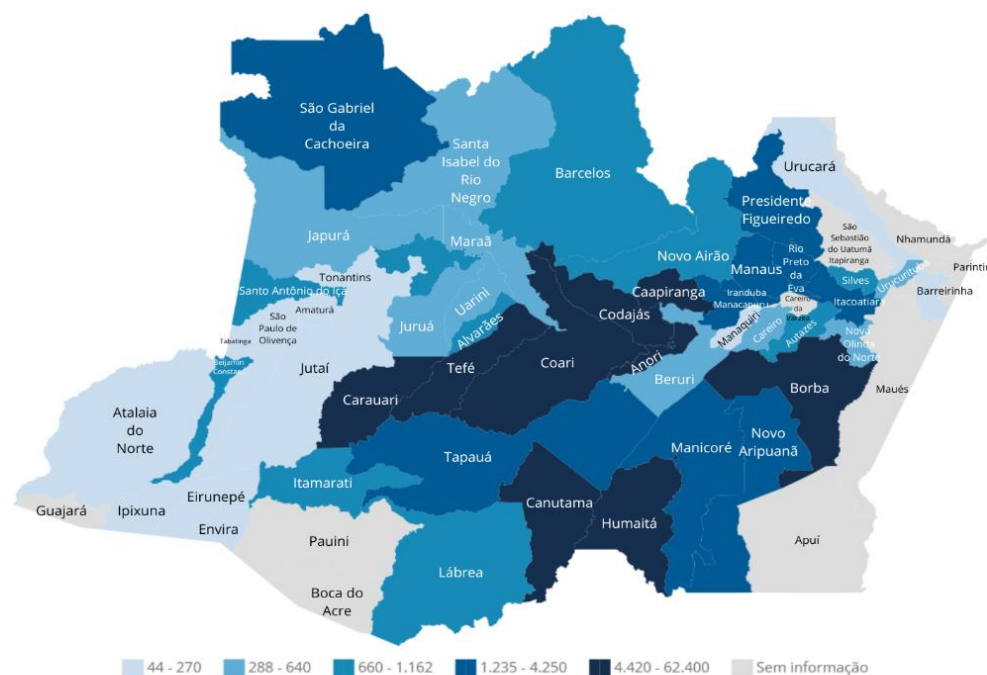


Figura 2. Valor da produção de açaí no Amazonas e a distribuição por cidade. **Fonte:** IBGE, 2024.

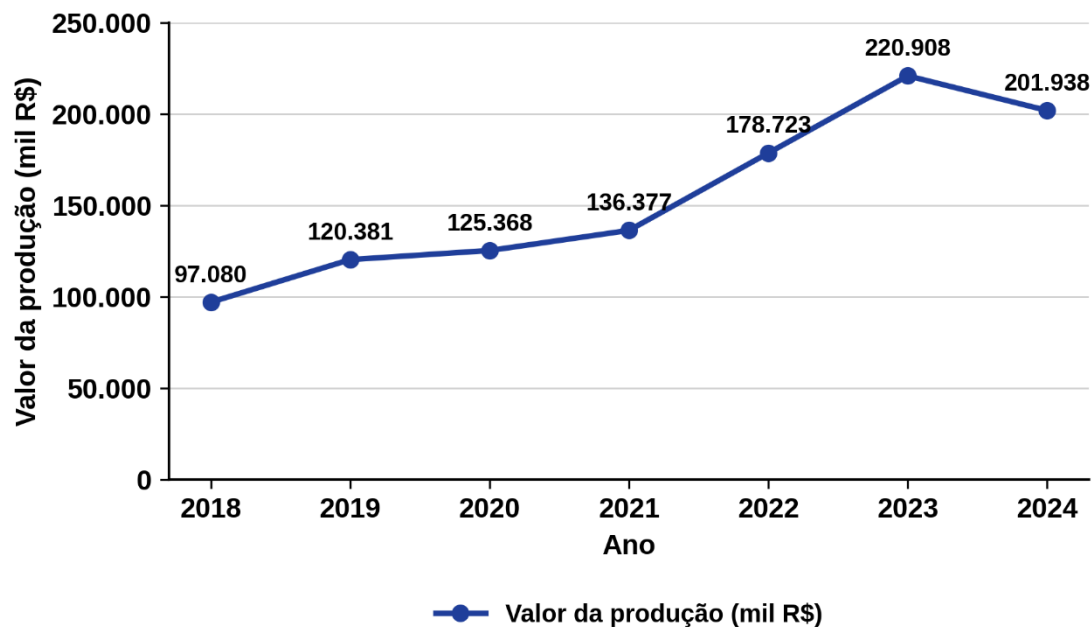


Figura 3. Série histórica da produção de açaí (valor produzido anualmente). **Fonte:** Adaptado de IBGE, 2024.

Caracterização do comércio de açaí na zona urbana de Coari

A aplicação do questionário ocorreu de forma presencial, e a caracterização inicial pode ser observada na Tabela 2. Verificou-se que, em relação ao gênero dos respondentes, a maior parte era do sexo masculino, embora algumas mulheres também participem do comércio: 28 respondentes (70,0%) do sexo masculino e 12 (30,0%) do sexo feminino. Registrou-se, ainda, que em 20 dos estabelecimentos visitados havia colaboradores de ambos os sexos atuando no atendimento. Essa observação de campo, contudo, não integra a variável gênero apresentada na Tabela 2, que se refere exclusivamente ao respondente de cada um dos 40 estabelecimentos, preservando-se a coerência da unidade de análise adotada. As informações obtidas na pesquisa corroboram os dados de Peres e Yamaguchi (2019), que afirmam em seu estudo que a maioria dos vendedores de açaí são do sexo masculino, sendo apenas uma pequena parcela do sexo feminino.

A partir da busca ativa e do mapeamento territorial realizado para a localização dos pontos de

venda na zona urbana de Coari, constatou-se que o comércio de açaí local ocorre predominantemente em estabelecimentos de pequeno porte. Não foi detectada nenhuma indústria na cidade, nem a venda de açaí em supermercados ou em comércios maiores. Esse resultado merece destaque ao se levar em consideração que, em outros estados brasileiros, principalmente nos grandes centros, a venda de açaí é amplamente difundida, uma vez que parcela expressiva da polpa produzida na região Norte é destinada a outros estados (Tavares; Homma, 2015). No mercado externo, a polpa e os produtos derivados do açaí são exportados para mais de 30 países, com predomínio dos Estados Unidos e do Japão (Tavares; Homma, 2015), além do Canadá e de países europeus, onde são comercializados sobretudo na forma de produtos industrializados, como bebidas energéticas, sucos, sorvetes e sobremesas (CONAB, 2020; Yamaguchi et al., 2015). Constatou-se, nesta pesquisa, que o comércio na cidade de Coari acontece como uma atividade familiar, sendo o produto vendido pelo próprio proprietário ou por familiares.

Tabela 2: Dados obtidos na pesquisa.

Variável investigada	Resultado – nº de estabelecimentos (%), n = 40
Total de estabelecimentos (respondentes):	40 (100,0%)
Gênero dos respondentes:	Masculino: 28 (70,0%) Feminino: 12 (30,0%)
Procedência do açaí:	Zona rural: 21 (52,5%) Zona urbana: 15 (37,5%) Ambos: 4 (10,0%)
Forma de venda:	Litro: 36 (90,0%) Saca: 2 (5,0%) Ambos: 2 (5,0%)
Tipo / espécie:	Pará: 0 (0,0%) Amazonas: 39 (97,5%) Ambos: 1 (2,5%)
Local de venda (endereço):	Urucu (7); Espírito Santo (6); Santa Efigênia (6); Chagas (4); Tauá Mirim (3); Nazaré (4); Duque (2); Estrada Coari/Itapéua km. 02 (2); União (2); Itamarati (1); Centro (2)

Identificou-se que as procedências do açaí (Tabela 2) comercializado em Coari-AM eram majoritariamente da zona rural (21 estabelecimentos;

52,5%), seguida pela zona urbana (15 estabelecimentos; 37,5%). Alguns dos vendedores (4; 10,0%) afirmaram que compram o fruto de ambos os

lugares. Esse predomínio da procedência rural é coerente com o caráter essencialmente extrativista da produção de *Euterpe precatoria* no Médio Solimões, em que os frutos são coletados em açaisais nativos das comunidades ribeirinhas e transportados por via fluvial até a sede do município (Peres; Yamaguchi, 2019; Oliveira et al., 2025). A dependência do elo varejista urbano em relação ao fornecimento de frutos, cuja oferta varia entre a safra e a entressafra, também foi descrita entre vendedores de polpa de açaí em Feijó, no Acre (Souza et al., 2021), o que indica tratar-se de uma característica comum ao comércio de açaí em cidades do interior amazônico.

Quanto à forma de comercialização (Tabela 2), 36 estabelecimentos (90,0%) vendiam o açaí exclusivamente por litro, 2 (5,0%) exclusivamente por saca e 2 (5,0%) nas duas modalidades. Portanto, quatro estabelecimentos operavam com sacas, sendo exatamente esses quatro os acompanhados na análise do preço da saca apresentada adiante, não havendo divergência entre os dados da Tabela 2 e os da Figura 8. O predomínio da venda por litro indica que os estabelecimentos atuam essencialmente como batedores, isto é, como o elo final da cadeia, que processa o fruto e comercializa a polpa diretamente ao consumidor, ao passo que a saca corresponde à comercialização do fruto *in natura*, típica das transações entre extrativistas, intermediários e batedores, nas quais os intermediários desempenham papel central (Tavares; Homma, 2015). Resultado semelhante foi observado em Feijó (AC), onde a polpa também é comercializada por litro no varejo (Souza et al., 2021). Em Coari, a baixa participação da venda por saca (10,0% dos estabelecimentos) reforça que o mercado urbano está orientado ao consumo local da polpa, e não à revenda do fruto para outros mercados.

Os vendedores justificam que isso se deve à falta de açaí na área urbana e que muitos frutos são

obtidos de plantações ou do extrativismo, o que os leva a comprar na zona rural. Alguns comerciantes ainda citaram que possuem plantações em seus próprios sítios. A preferência pela aquisição do fruto em áreas próximas ao ponto de venda é descrita na literatura como estratégia para reduzir custos e assegurar o processamento em curto intervalo de tempo, dada a elevada perecibilidade do açaí (Rogez, 2000). No entanto, por meio dos relatos orais e das observações de campo registradas durante a aplicação das fichas de coleta, os comerciantes destacam a ausência de plantações estruturadas na zona urbana, o que facilitaria a questão logística e financeira, tendo em vista que a aquisição do açaí diretamente das áreas rurais é mais onerosa.

Cita-se que a cidade de Coari apresenta uma extensa área geográfica de zona rural, com comunidades que demoram mais de 9 horas de barco para chegar ao centro urbano. O açaí é considerado um fruto altamente perecível devido à elevada carga microbiana, à sua composição química, que sofre reações de oxidação, e à degradação enzimática, o que confere uma alteração na cor e no sabor, minimizando a qualidade dos produtos obtidos (Sousa et al., 1999; Rogez, 2000).

Em relação aos preços, por litro, houve uma variação entre 6 e 16 reais em um período de 10 meses. Essa variação se deve a questões de oferta e demanda de açaí devido à sazonalidade. O preço médio mensal variou de R\$ 12,83 (novembro de 2023) a R\$ 7,20 (abril de 2024), o que corresponde a uma redução de 43,9% em relação ao maior valor médio registrado no período. A Figura 4 apresenta a distribuição dos estabelecimentos por faixa de preço do litro e a Figura 5, o preço médio mensal, de outubro de 2023 a julho de 2024:

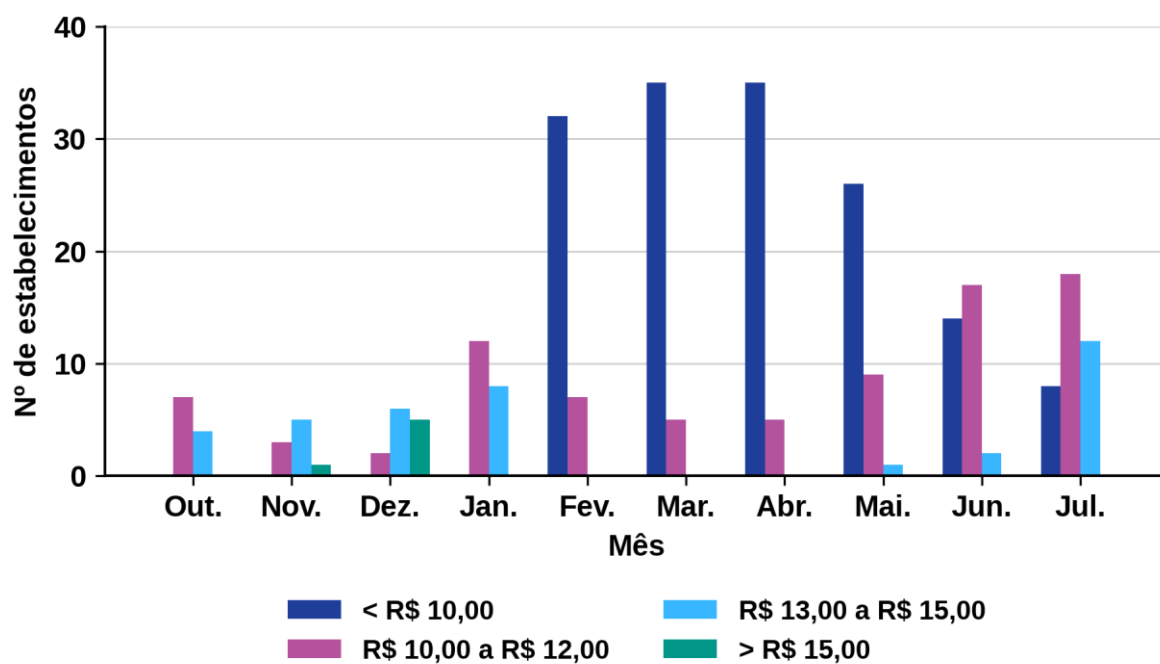


Figura 4: Número de estabelecimentos por faixa de preço do litro de açai, de outubro de 2023 a julho de 2024.

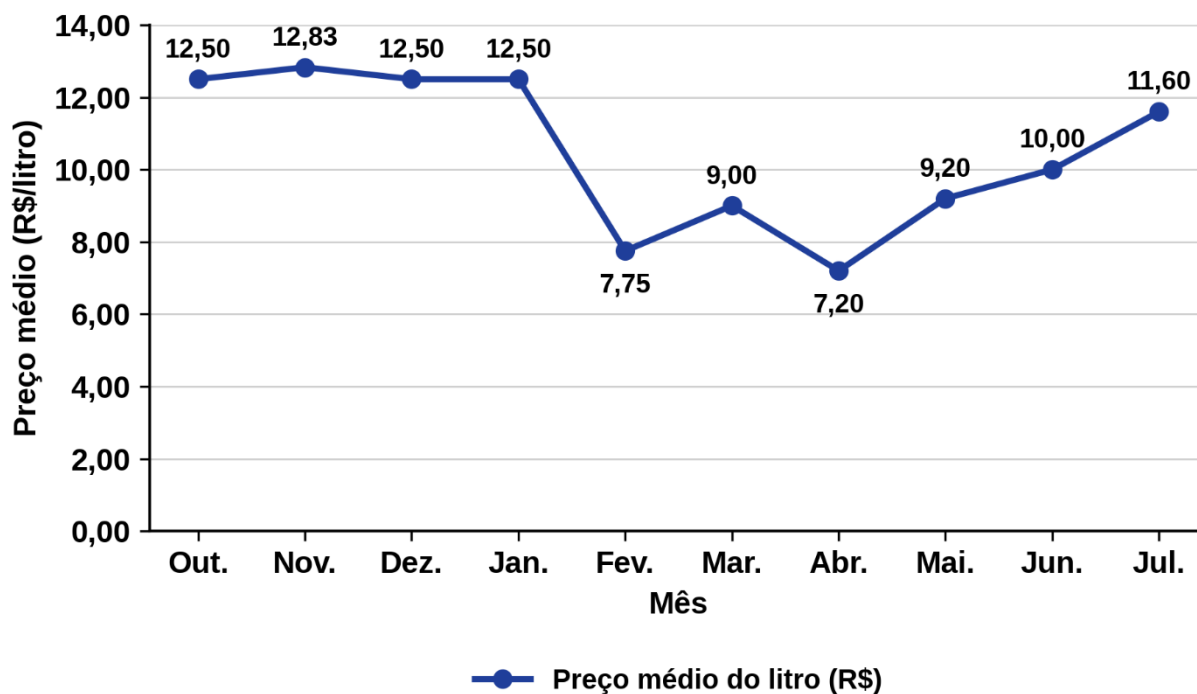


Figura 5. Preço médio mensal do litro de açai, de outubro de 2023 a julho de 2024.

O valor do litro do açaí variou de acordo com a classificação (grosso ou fino) e com a espécie do fruto (Pará ou Amazonas). Em relação ao tipo de açaí, todos os 40 comércios vendiam o açaí do Amazonas (*Euterpe precatoria*), e apenas um deles comercializava tanto o açaí do Pará (*Euterpe oleracea*) quanto o do Amazonas. No local onde era vendido o açaí do Pará, o valor era menor. De acordo com os relatos obtidos junto aos proprietários dos estabelecimentos, essa dinâmica de mercado ocorre devido à preferência declarada dos consumidores locais pela espécie nativa do Amazonas (*Euterpe precatoria*), o que direciona a demanda e prioriza a aquisição desse produto em detrimento do açaí do Pará. O preço do açaí foi acompanhado mensalmente (Figura 5), evidenciando sua redução no período de maior frutificação (fevereiro a maio) e sua elevação na entressafra. Esse comportamento reflete a dinâmica sazonal da cadeia produtiva: no pico da safra, a maior oferta de frutos reduz os preços e amplia a produção, o comércio e o consumo,

enquanto, na entressafra, a escassez da matéria-prima eleva os preços. A formação dos preços do açaí a partir da interação entre oferta e demanda foi demonstrada por Nogueira, Santana e Garcia (2013) para o mercado de açaí fruto no Pará, e Tavares e Homma (2015) destacam que os preços na entressafra são tão elevados que estimulam o cultivo irrigado do açaizeiro para a produção nesse período. Oscilações de preço entre safra e entressafra também foram relatadas entre vendedores de polpa em Feijó, no Acre (Souza et al., 2021). Além disso, Silva et al. (2024) verificaram que os batedores da Região Metropolitana de Belém formam o preço do litro predominantemente a partir dos custos, o que ajuda a explicar a transmissão das variações do preço do fruto ao preço final da polpa. Os dados demonstram, ainda, a flexibilidade do mercado, em que muitos vendedores aproveitam o pico de produção para impulsionar temporariamente seus negócios.

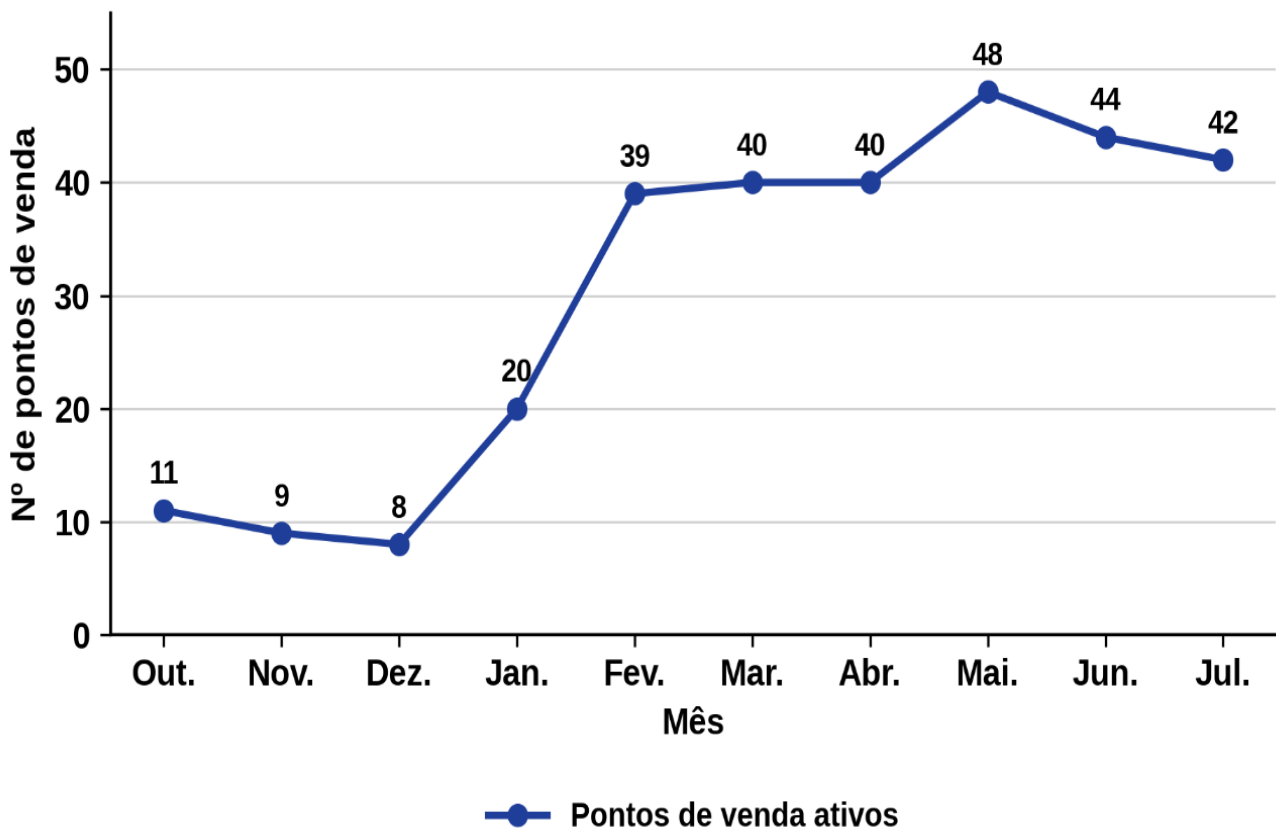


Figura 6. Flutuação mensal do total de pontos de venda de açaí identificados na zona urbana de Coari.

Conforme apresentado na Figura 6, a quantidade de comércios ativos oscilou de forma nítida ao longo dos meses avaliados. Nos meses correspondentes à entressafra (como outubro, novembro e dezembro, este último com apenas 8 pontos identificados), observou-se uma redução acentuada de estabelecimentos comercializando o fruto, decorrente da paralisação temporária das atividades por escassez da matéria-prima. Em contrapartida, o ápice de comércios em atividade coincidiu com o período de maior safra e disponibilidade do açaí na região, chegando a 48 pontos mapeados no mês de maio devido ao surgimento de batedores sazonais. Reitera-se que, embora o mapeamento flutuante de mercado tenha registrado essa variação censitária, o monitoramento detalhado de preços e a aplicação das fichas mantiveram-se estritos à amostra fixa de 40 comerciantes estabelecidos. A entrada e a saída de pontos de venda conforme as disponibilidades do fruto refletem a elevada perecibilidade do açaí e a ausência, no município, de estrutura de congelamento e armazenamento da polpa. Tavares e Homma (2015) destacam que, no Pará, a difusão do congelamento da polpa permitiu quadruplicar o consumo local, antes restrito ao período de safra, o que evidencia o papel da conservação pós-colheita na estabilização do comércio ao longo do ano. Em Coari, onde o produto

é comercializado majoritariamente na forma fresca, a atividade permanece condicionada ao calendário de frutificação de *E. precatoria*. Soma-se a isso o caráter informal da atividade, também registrado em Feijó (AC), onde os estabelecimentos operam sem registro formal nem autorização sanitária (Souza et al., 2021), o que reduz as barreiras de entrada e favorece o surgimento temporário de novos batedores no pico da safra.

O bairro Urucu, em Coari, se destacou como um dos principais locais de comércio de açaí (Figura 7), onde foram identificados sete dos quarenta comércios analisados na pesquisa. A presença significativa de comerciantes de açaí no bairro pode ser atribuída à proximidade com áreas de abastecimento, tanto da zona rural quanto urbana, facilitando o escoamento e a comercialização do fruto. Padrão semelhante de concentração espacial é observado em Belém, onde a Feira do Açaí e a Estrada Nova, junto aos portos de desembarque do fruto, concentram mais de 91% do açaí comercializado na cidade (Tavares; Homma, 2015). A proximidade entre os pontos de venda e as áreas de abastecimento reduz o intervalo entre a colheita e o processamento, aspecto crítico para a qualidade da polpa, dada a rápida degradação do fruto após a colheita (Rogez, 2000).



açai. Esse comportamento é coerente com o observado por Tavares e Homma (2015) no Pará, onde os preços do fruto atingem valores bastante elevados na entressafra, e com a formação de preços a partir da relação entre oferta e demanda descrita por Nogueira, Santana e Garcia (2013) para o mercado de açai fruto. A amplitude observada na saca (de R\$ 80,00 a R\$ 400,00, razão de 5,0 entre o maior e o menor valor) foi proporcionalmente maior que a do litro (de R\$ 6,00 a R\$ 16,00, razão de 2,7), o que sugere que o elo de comercialização do fruto *in natura*, mais próximo do extrativismo, absorve de forma mais intensa as oscilações sazonais da oferta, enquanto o preço da polpa no varejo é amortecido pelos custos de processamento e pela demanda cotidiana dos consumidores locais.

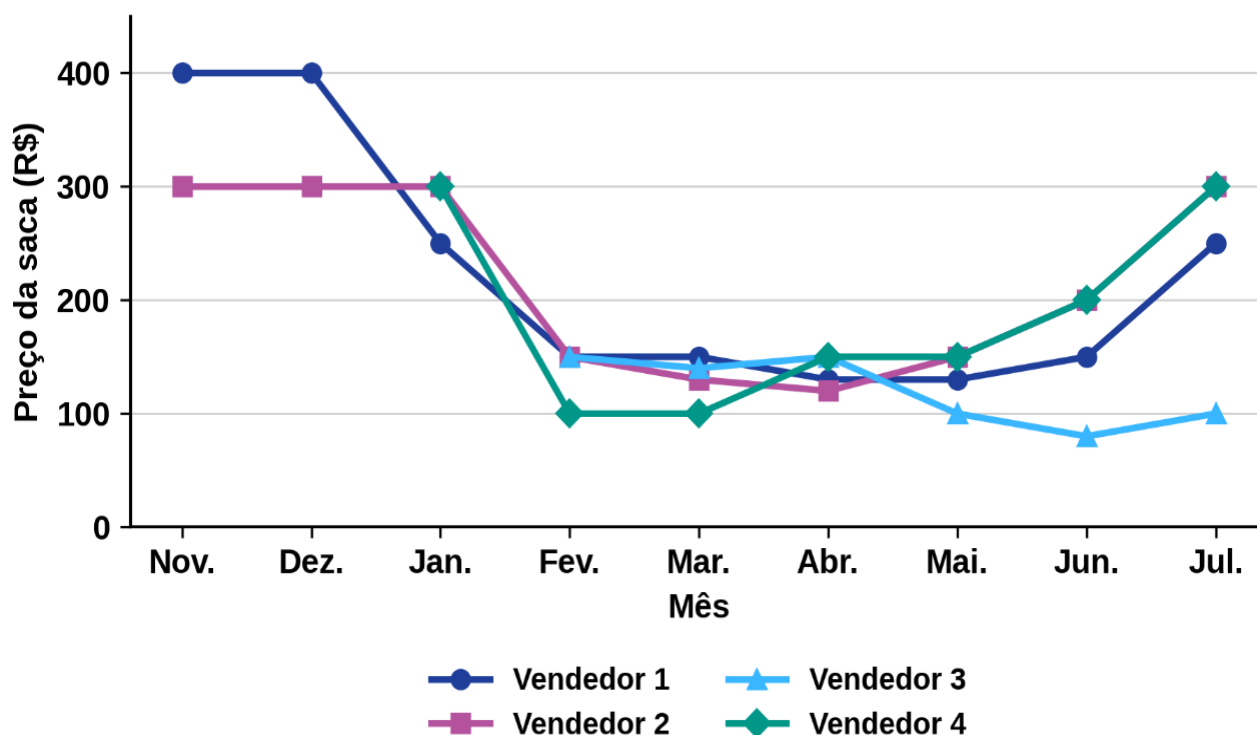


Figura 8: Variação dos valores das sacas de açaí, obtidas mensalmente.

Tabela 3: Valores mensais da saca de açaí praticados pelos quatro estabelecimentos monitorados (R\$).

Vendedor	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.
Vendedor 1	400,00	400,00	250,00	150,00	150,00	130,00	130,00	150,00	250,00
Vendedor 2	300,00	300,00	300,00	150,00	130,00	120,00	150,00	200,00	300,00
Vendedor 3	—	—	—	150,00	140,00	150,00	100,00	80,00	100,00
Vendedor 4	—	—	300,00	100,00	100,00	150,00	150,00	200,00	300,00
Média mensal	350,00	350,00	283,33	137,50	130,00	137,50	132,50	157,50	237,50

Nota: o traço (—) indica ausência de registro de preço da saca no mês correspondente, tratado como dado ausente e excluído do cálculo da média mensal.

Ressalta-se que, diferente do que acontece com a espécie *Euterpe oleracea*, o açaí do Amazonas (*E. precatoria*) não apresenta frutificação durante todo o ano. Por meio deste estudo, verificou-se que, na área investigada, o período de maior frutificação deu-se entre fevereiro e maio, que é considerada a estação chuvosa no Amazonas. Corroborando os achados desta pesquisa, segundo a literatura, o período da sazonalidade do açaí (*Euterpe precatoria*) no Médio Solimões é entre os meses de fevereiro e agosto (IDAM, 2020).

O aumento da produção acentua a diminuição dos valores. Na análise individual (Figura 8 e Tabela 3), adota-se como base de comparação o primeiro valor registrado para cada vendedor, indicando-se explicitamente a base sempre que a comparação se refere ao mês imediatamente anterior. O vendedor 1, cujo valor inicial era de R\$ 400,00 (novembro), apresentou redução de 67,5% em abril e maio, quando a saca atingiu R\$ 130,00; em julho o valor recuperou-se para R\$ 250,00, o que representa aumento de 92,3% em relação ao mínimo registrado,

permanecendo, ainda assim, 37,5% abaixo do valor inicial. O vendedor 2, com valor inicial de R\$ 300,00, registrou redução de 60,0% em abril (R\$ 120,00) e, em seguida, elevação progressiva até R\$ 300,00 em julho, retornando ao valor inicial (aumento de 150,0% em relação ao mínimo). O vendedor 3, com valor inicial de R\$ 150,00 (fevereiro), apresentou redução de 6,7% em março (R\$ 140,00), retorno ao valor inicial em abril e nova redução entre maio e julho, de 33,3% (R\$ 100,00), com a maior queda em junho, de 46,7% (R\$ 80,00). O vendedor 4, com valor inicial de R\$ 300,00 (janeiro), apresentou redução de 66,7% em fevereiro e março (R\$ 100,00); a partir de abril houve recuperação para R\$ 150,00 (aumento de 50,0% em relação a março), valor mantido em maio, seguido de novo aumento em junho (R\$ 200,00; 33,3% em relação a maio) e retorno ao valor inicial em julho (R\$ 300,00).

Observa-se que há uma grande diferença dos valores, tanto do litro, cujo menor valor encontrado foi R\$ 6,00 e o maior R\$ 16,00, quanto da saca, cujo menor valor encontrado foi de R\$ 80,00 e o maior de R\$ 400,00, mostrando as grandes disparidades em função da sazonalidade. De acordo com Oliveira et al. (2025), o preço do fruto pode variar não apenas em função do período de safra, mas também devido a fatores climáticos, como chuvas que podem interferir na extração/colheita do fruto, entre outros fatores ou ocorrências de formas bem pontuais. Com o período de seca extrema na região Amazônica e/ou excesso de chuvas, essas demandas podem sofrer alterações.

Em relação às dificuldades dos comerciantes, evidenciam-se fatores como dificuldade na obtenção de fornecedores do fruto, questões mercadológicas de venda, competitividade e logística para envio dos produtos para outros mercados que não sejam na cidade de Coari. Durante a pesquisa realizada, não foi detectado nenhum comerciante que venda açaí para outras cidades ou estados, o que reflete na necessidade de fortalecimento da cadeia produtiva e organização dos comerciantes visando aumentar a comercialização desse produto.

Os gargalos identificados articulam-se a dimensões interdependentes. A primeira é a perecibilidade: o açaí apresenta elevada carga microbiana e sofre oxidação e degradação enzimática rápidas, o que exige o processamento em curto intervalo após a colheita (Sousa et al., 1999; Rogez, 2000). Em Coari, essa restrição biológica é agravada pela distância das comunidades produtoras, que podem demandar mais de nove horas de

deslocamento fluvial até a sede do município, reduzindo a janela útil de comercialização e ampliando o risco de perdas. A segunda é a logística: a ausência de transporte refrigerado e de estrutura de armazenamento restringe o raio de circulação do produto ao próprio município, o que é coerente com o fato de nenhum dos estabelecimentos pesquisados comercializar para outras cidades ou estados. Embora este estudo não tenha quantificado a participação de intermediários, os relatos sobre o maior custo de aquisição do fruto na zona rural sugerem que os custos do transporte fluvial e a eventual intermediação incidem sobre o preço final praticado no varejo.

A terceira dimensão refere-se à estrutura de mercado e ao beneficiamento. O comércio local caracteriza-se por estabelecimentos de pequeno porte e de base familiar, que atuam simultaneamente como compradores do fruto e batedores, sem a presença de agroindústrias ou de redes varejistas de maior porte na cidade. Como o produto é comercializado majoritariamente na forma de polpa batida no momento da venda, sem etapas de pasteurização, congelamento ou envase padronizado, há pouca agregação de valor e dificuldade de adequação aos requisitos sanitários exigidos para o acesso a mercados regionais, como o de Manaus. Esse conjunto de fatores contribui para explicar por que o expressivo incremento do valor de produção municipal registrado pelo IBGE (2024) não se traduziu, no período estudado, em inserção do produto local em mercados externos ao município, aproximando-se do que Paes-de-Souza et al. (2011) descrevem para os produtos florestais não madeireiros, cuja exploração tende a permanecer fragmentada na ausência de organização em cadeia e em rede.

Lopes et al. (2023) citam que, no Amazonas, para que a Bioeconomia possa se desenvolver, faz-se necessário grandes investimentos advindos do setor público, de parcerias público-privadas e de todas as áreas da economia, assim como investimentos em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I). Corroborando essa perspectiva, Santos et al. (2021) evidenciam que o desenvolvimento regional em áreas com abundância de recursos naturais depende da estruturação de cadeias de valor locais que retirem a dependência do extrativismo informal, promovendo a capacitação dos atores locais e a inserção de tecnologias de conservação pós-colheita.

Os resultados obtidos sobre a comercialização de açaí no município de Coari demonstram que, embora haja um volume financeiro expressivo em circulação, a atividade carece de políticas públicas direcionadas e de ações estruturantes para o fortalecimento da cadeia produtiva. Para que o comércio local avance e se expanda para além das fronteiras do município, superando o cenário de isolamento comercial identificado nesta pesquisa, torna-se imperativo o investimento em soluções logísticas de transporte fluvial e na organização dos batedores em cooperativas ou associações. A criação de frentes associativas permitiria maior poder de barganha junto a fornecedores da zona rural e viabilizaria o cumprimento de padrões sanitários para alcançar mercados regionais, como Manaus (IDAM, 2020), a exemplo do que já ocorre em municípios polos como Codajás e Manacapuru (IBGE, 2022a).

Assim, incentiva-se a realização de novos estudos sobre a cadeia produtiva do açaí na região do Médio Solimões, visando mapear detalhadamente os fluxos de transporte e propor modelos de negócios sustentáveis que mitiguem os gargalos sazonais de desabastecimento, contribuindo efetivamente para a segurança socioeconômica dos comerciantes locais e para a valorização do produto regional.

CONCLUSÃO

Este estudo contribui para o preenchimento de lacunas científicas sobre o comércio e a dinâmica socioeconômica da cadeia produtiva do açaí nativo (*Euterpe precatoria*) no Médio Solimões. A investigação de campo demonstrou como as variações sazonais da região amazônica governam o mercado local em Coari, ditando tanto a oscilação drástica de preços (do litro e da saca) quanto a própria sobrevivência temporária dos pontos de venda urbanos, que enfrentam forte retração ou inatividade no período de entressafra.

Os achados revelam que, embora o açaí movimente um elevado valor financeiro e represente uma salvaguarda de renda essencial para a agricultura familiar rural, a atividade opera de forma pouco articulada e restrita ao mercado municipal, não tendo sido identificada, no período estudado, a comercialização para outras cidades ou estados. A alta perecibilidade do fruto, somada às extensas distâncias de transporte fluvial a partir das comunidades produtoras, consolida gargalos logísticos que impedem o escoamento estável e a

expansão do produto para mercados regionais dinâmicos, como Manaus.

Portanto, os resultados sugerem que o avanço da sociobioeconomia do açaí em Coari depende, em grande medida, da superação desse cenário de fragmentação. Assim, faz-se necessário o direcionamento de políticas públicas voltadas ao fomento de frentes associativas ou cooperativas entre os batedores, além de investimentos robustos do setor público e privado em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) direcionados à conservação pós-colheita e à infraestrutura logística. Por fim, recomenda-se o desenvolvimento de novos estudos que explorem a modelagem de negócios sustentáveis e rotas de transporte eficientes, garantindo a conservação ambiental e a segurança socioeconômica dos atores locais da Amazônia.

Cabe destacar as limitações deste estudo. Trata-se de um estudo de caso circunscrito à zona urbana de Coari, com amostra não probabilística de 40 estabelecimentos, o que restringe a generalização dos resultados para outros municípios do Médio Solimões. A coleta não abrangeu os demais elos da cadeia – extrativistas, atravessadores e transportadores –, tampouco as quantidades comercializadas, de modo que as inferências apresentadas limitam-se ao elo do comércio varejista urbano. Além disso, o período de dez meses não contempla ciclos completos de safra e entressafra em anos consecutivos, o que impede distinguir a variação sazonal típica dos efeitos de eventos climáticos extremos, como a seca registrada na região. Recomenda-se, portanto, cautela na interpretação e na extrapolação das variações de preço aqui descritas.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem à UFAM, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) por meio do EDITAL N. 005/2024 - PAINTER MULHERES CIENTISTAS NO INTERIOR e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio.

FINANCIAMENTO

Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), pela Coordenação de Aperfeiçoamento

de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bezerra, F.A.P. (2025). A valorização do açaí no mercado global: impactos socioeconômicos e ambientais no estado do Pará na perspectiva do desenvolvimento sustentável. **Revista de Economia Regional, Urbana e do Trabalho** 14(2). Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rerut/article/view/41169>. Acesso em: 27 jun. 2026.
- Cavalcante, P.B. (1996). **Edible fruits of Amazonia**. 6. ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi: CEJUP: CNPq. 279 p.
- CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento. (2020). **Açaí, junho 2020**. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuário-e-extrativista/analises-do-mercado/historico-mensal-de-acai>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- Costa, C.M. & Yamaguchi, K.K.L. (2020). Contaminação e adulteração de açaí. In: Cordeiro, C.A.M. (ed.). **Tecnologia de Alimentos: tópicos físicos, químicos e biológicos – Volume 2**. Editora Científica Digital. p. 45-63.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022a). **Produção de Açaí (cultivo)**. Amazonas: IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/acai-cultivo/am>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022b). **Censo Brasileiro de 2022**. Amazonas: IBGE. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2024). **Produção de Açaí (cultivo)**. Amazonas: IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/acai-cultivo/am>. Acesso em: 25 jun. 2026.
- IDAM – Instituto de Desenvolvimento Agrário e Florestal do Estado do Amazonas. (2020). **Relatório de produção agrícola manual dos 63 municípios do Estado do Amazonas**. Manaus: IDAM.
- Lopes, D.; Lobato da Cunha, E. & Alegre Ferreira, R.S. (2023). A bioeconomia como alternativa de nova matriz econômica para o estado do Amazonas. **Informe GEPEC** 27(2): 115-138. DOI: 10.48075/igepec.v27i2.30600. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/30600>. Acesso em: 14 set. 2026.
- Marconi, M.A. & Lakatos, E.M. (2017). **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas.
- Nogueira, A.K.M.; Santana, A.C. de & Garcia, W.S. (2013). A dinâmica do mercado de açaí fruto no Estado do Pará: de 1994 a 2009. **Revista Ceres** 60(3): 324-331. DOI: 10.1590/S0034-737X2013000300004.
- Oliveira, U.A.; Souza, T.M.; Veiga-Júnior, V.F. & Yamaguchi, K.K.L. (2025). Análise dos desafios na produção e comercialização do açaí no Médio Solimões. **P2P e Inovação** 11(2). DOI: 10.21728/p2p.2025v11n2e-7242.
- Paes-de-Souza, M.; Silva, T.N. da; Pedrozo, E.A. & Souza Filho, T.A. de. (2011). O Produto Florestal Não Madeirável (PFNM) Amazônico açaí nativo: proposição de uma organização social baseada na lógica de cadeia e rede para potencializar a exploração local. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia** 3(2): 44-57.
- Peres, E.G. & Yamaguchi, K.K. de L. (2019). Extrativismo e cadeia produtiva do açaí no médio Solimões. **Revista Ensino, Saúde e Biotecnologia da Amazônia** 1(esp.): 1. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/resbam/article/view/5584>. Acesso em: 4 out. 2024.
- Pulgarin, M.G. da S.; Carvalho, C.G.C.; Lima, R.A. & Coutinho, T.C. (2024). Análise socioambiental do arranjo produtivo do cupuaçu no município de Benjamin Constant, Amazonas. **Informe GEPEC** 28(2): 9-28. DOI: 10.48075/igepec.v28i2.32673.

- Rogez, H. (2000). **Açaí: preparo, composição e melhoramento da conservação**. 1. ed. Belém: EDUFPA. 313 p.
- Santos, A.B.; Rocha, J.S.; Mafra, R.Z. & Ferreira, M.A.C. (2021). A relevância da bioeconomia para o desenvolvimento regional: estudo de caso em uma empresa de biocosméticos do estado do Amazonas. **Informe GEPEC** 25: 91-108. DOI: 10.48075/igepec.v25i0.26305.
- SEINFRA – Secretaria de Infraestrutura do Estado do Amazonas. (2021). **Bairro Urucu – Prefeitura Municipal de Coari**. Coari: SEINFRA.
- Silva, A.R.P. e; Furtado, J.L.C.; Amador, E. da S. & Moreira, M.A. (2024). Identificação dos fatores determinantes na formação do preço do açaí a partir da ótica dos seus batedores. **Revista Ambiente Contábil** 16(2): 346-365. DOI: 10.21680/2176-9036.2024v16n2ID32917.
- Silva, M.L.A.; Lucas, M.M.B. & Pinto, L.M.R.B. (2022). Startups da floresta, negócios de impacto e a sustentabilidade na Amazônia. **Informe GEPEC** 26(2): 30-49.
- Sousa, C.L.; Melo, G.M.C. & Almeida, S.C.S. (1999). Avaliação da qualidade do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) comercializado na cidade de Macapá-AP. **Boletim CEPPA** 17(2): 127-136.
- Souza, M.R. de S. e; Silva, E.R. da & Souza, L.G. de S. e. (2021). Socioeconomia dos vendedores de polpa e frutos de açaí no município de Feijó - Acre. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological** 6(2): 712-725.
- Tavares, G.S. & Homma, A.K.O. (2015). Comercialização do açaí no estado do Pará: alguns comentários. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, Brasil, set. 2015. Disponível em: <https://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/15/acai-para.html>. Acesso em: 26 set. 2026.
- Veiga-Júnior, V.F. & Yamaguchi, K.K.L. (2021). Açaí: desenvolvimento e sustentabilidade. **Revista Ensino, Saúde e Biotecnologia da Amazônia** 3: 1-3.
- Yamaguchi, K.K.L.; Pereira, L.F.R.; Lamarão, C.V.; Lima, E.S. & Veiga-Júnior, V.F. (2015). Amazon açaí: chemistry and biological activities. A review. **Food Chemistry** 179: 137-151. DOI: 10.1016/j.foodchem.2015.01.055.